Redescobertas implacáveis

Joseph Roth, destaque da seção "Livros" desta edição do "Guia", tem dois de seus principais livros traduzidos. Parece uma descoberta; melhor seria falar de redescoberta. O fenômeno não é novo. Frequentemente, escritores que já haviam sido publicados no Brasil voltam a aparecer com grande repercussão graças a traduções que surgem num momento de maior maturidade do mercado editorial e do público leitor.

Basta lembrar de Italo Calvino (1923-1985), cujas obras, parcialmente lançadas por aqui ainda em vida do escritor, ganharam novo impulso após a publicação póstuma de "Seis Lições para o Próximo Milênio". O caso de Roth é semelhante, como nota Joca Reiners Terron na resenha de "A Lenda do Santo Beberrão" e "Hotel Savoy". Por que as publicações anteriores de "A Cripta dos Capuchinhos", "A Marcha de Radetzky" e "Fuga Sem Fim" deixaram marcas pouco visíveis no cenário cultural brasileiro?

Talvez porque, então (estamos falando dos anos 1980), questões referentes à cultura centro-europeia e dos judeus confrontados com advento do Holocausto (que, diga-se de passagem, é posterior à morte de Roth), ainda não tivessem entrado na ordem do dia no país. Hoje, porém, discussões sobre trauma e memória se conectam a acontecimentos presentes e o Brasil produz uma reflexão consistente sobre o tema.

Tanto é assim que, recentemente, o escritor e ensaísta Luis Krausz lançou dois livros que de alguma forma prepararam a nova recepção de Roth: "Rituais Crespusculares", sobre sua obra, e "Passagens: Literatura Judaico-alemã entre Gueto e Metrópole", que o inclui no panorama de uma literatura marcada pelo exílio e pela perspectiva da aniquilação.

E se os livros de Krausz apontam para um momento (nem tão recente) em que o pensamento brasileiro se descola de questões nacionais, sintonizando-se com problemas universais sem perder a perspectiva local (e prenunciando a nova recepção de um autor como Joseph Roth), essa "redescoberta" vem acompanhada de outra – talvez mais obrigatória.

Trata-se da reedição dos livros de José Guilherme Merquior, ensaísta cuja breve vida e cuja obra nada efêmera foram eclipsadas por suas alianças políticas – a saber, o apoio ao ex-presidente Collor, em quem projetou crenças e esperanças neoliberais, pecado menor se comparado a suas luminosas e pioneiras reflexões sobre a Escola de Frankfurt (de extração marxista), em livro que esperamos ver republicado em breve.

Conjunturas e ideologias à parte, o anúncio da reedição da obra de Merquior – cujos dois primeiros volumes, sobre a poesia modernista e sobre Lévi-Strauss, resenhados aqui por Caio Liudvik – apenas mostra que cada autor espera o momento de ser redescoberto e reitera o dito segundo o qual a verdadeira literatura é implacável, sempre triunfando sobre o esquecimento.

Manuel da Costa Pinto

guialivros@grupofolha.com.br

Manoel Pires/Folhapress

O escritor, ensaísta e crítico José Guilherme Merquior